



Competências, formação continuada e o ensino de línguas

Introdução

Em tempos de globalização, de qualidade total, de avanços científicos e de grande e intensa circulação de informações, o professor precisa repensar e reavaliar o seu papel e a sua prática.

É um fato incontestável que as exigências que se colocam ao professor nos dias de hoje divergem qualitativamente daquilo que dele se esperava no passado.

Ao professor, a exemplo do que acontece com qualquer outro profissional, é exigida uma postura moderna e sintonizada com o ritmo de um mundo cada vez mais orientado pelas leis do mercado.

Não queremos dizer com isso que as tendências modernizadoras devam ser tomadas de forma acrítica e sem reflexão apenas porque são modernas. Ao contrário, acreditamos em um tipo de fazer que, eclético, congrega várias teorias em favor de um único objetivo, qual seja: a competência no processo de transmissão de conhecimento que é função do professor-educador.

Neste sentido, visamos a suscitar uma discussão que parta justamente da reflexão crítica que deve perpassar toda a prática docente – em sala de aula ou fora dela – no sentido de melhor compreender a forma como a contemporaneidade influencia a vida do docente em suas práticas profissional e social.

Em outras palavras, partimos da nossa concepção do docente como educador – e não apenas professor¹ – para tentar situá-lo diante dos novos desafios que se impõem a uma sociedade que, embora respirando um pouco mais os ares da ética, ainda é extremamente desigual e, por conseguinte, excludente e segmentadora.

Flora Simonetti Coelho*

Maria Aparecida Cardoso Santos**

Resumo

Diante do processo de globalização, é necessário que o professor repense o seu papel e faça com que sua prática pedagógica esteja aberta às transformações por que passam as sociedades. Neste contexto, o professor, independentemente do nível e da área em que atue, deve ultrapassar as barreiras da tradicional transmissão de conteúdos para, a partir da auto-avaliação constante e contínua, aprimorar sempre e cada vez mais a sua práxis.

Uma vez assumindo o lugar do aprendiz contínuo, o professor abandona posturas totalitárias para se transformar em um facilitador do processo de ensino/aprendizagem, fazendo com que seus alunos se tornem corresponsáveis na construção de conhecimentos válidos.

Neste sentido, uma postura mais aberta e flexível lhe permitirá tomar contato com a diversidade de pensamento e, por conseguinte, ter uma atuação competente, segura e aberta aos novos pressupostos educacionais, entre os quais se destaca a participação ativa dos alunos na construção do seu próprio saber.

O presente artigo buscará trazer a nossa visão acerca da importância da formação continuada para a prática do professor, de modo geral, e para a atuação do professor de língua estrangeira, de modo particular, com base no pensamento do sociólogo Philippe Perrenoud sobre as competências para ensinar.

Palavras-chave: formação continuada, competências, ensino de línguas.

* Doutora em Filosofia. Professora titular do Setor de Italiano do Departamento de Línguas Neolatinas/IL/IFCH-UERJ. E-mail: brescia@uol.com.br

** Professora de Italiano. Mestre em Letras pela UERJ.

Acreditamos que já não é mais possível insistir na visão romântica do magistério como um sacerdócio. Antes, é preciso situá-lo onde de direito: o lugar da excelência profissional, que requer do professor uma postura dinâmica e aberta a novas possibilidades.

Convém compreender que a função do docente transcende a mera transmissão de conteúdos e, portanto, requer dele uma postura de constante e contínua avaliação da sua prática, visando ao aprimoramento constante. O professor não pode e não deve manter-se ancorado em saberes e certezas cristalizados. Ele deve, isso sim, assumir uma postura de abertura efetiva ao novo e reconhecer que o processo que envolve ensino/aprendizagem requer constante estudo, pesquisa, em suma, formação continuada.

Já não se admite que o professor espere dos alunos uma atitude passiva, quase contemplativa, e incapaz de articular e/ou formular questões que pretendam ser verdades universais e irrefutáveis.

Essas exigências de excelência e competência se lançam aos docentes de todos os níveis – do Ensino Fundamental ao Ensino Superior – e de todas as áreas. No caso da universidade, que precisa estar voltada para as exigências de integração entre ensino, pesquisa e extensão ao mesmo tempo em que precisa formar um profissional que saiba e possa transpor os limites da sua formação básica, a possível resistência dos educadores às novas tecnologias e à continuidade de sua formação (para além da sua própria produção acadêmica) pode provocar um abismo entre o discurso e a prática. Neste sentido, é inconcebível que o professor se encastele no alto do seu saber consolidado e que só admita dialogar com seus pares sobre aqueles temas que lhe são mais caros, mais interessantes e que lhe conferem um título acadêmico. Ao contrário, esse docente, que também é educador, deve cultivar o gosto pelo que é diverso e circular por ambientes e universos diversos, com pensamentos e práticas diversos, porque é desse contato com a diversidade que sairão subsídios capazes de lhe permitir uma atuação competente, segura e aberta aos novos pressupostos educacionais, dentre os quais se destaca a participação ativa dos alunos na construção do seu próprio saber.

Neste sentido, o presente artigo buscará trazer a nossa visão acerca da importância da for-

mação continuada para a prática do professor, de geral, e para a atuação do professor de língua estrangeira, de modo particular².

Esclarecemos que tomamos como base para a nossa reflexão acerca do tema o pensamento do sociólogo Philippe Perrenoud sobre as competências para ensinar. Nossa escolha deste pensador moderno, em detrimento de tantos outros que, hodiernamente, têm se dedicado a pensar o papel do docente³, recai no fato de ter ele uma sistematização das competências que consideramos dinâmicas, objetivas, práticas e úteis para o professor.

Competências, formação continuada e o ensino de línguas

Em um de seus livros⁴, Perrenoud enumera dez competências⁵, as quais ele considera fundamentais para que o docente exerça sua profissão com excelência.

Dentre essas dez, destacamos três que consideramos importantes para a nossa prática cotidiana⁶, quais sejam:

- Implicar os alunos em sua aprendizagem e em seu trabalho, provocando neles o gosto pelo conhecimento;
- Utilizar tecnologias novas, isto é, usar softwares educacionais e de edição de documentos, promover a comunicação à distância através dos meios disponíveis (*Internet*, por exemplo), lançar mão de meios multimídia como forma de tornar as aulas mais dinâmicas;
- Gerir sua própria formação contínua, ou seja, saber explicitar as próprias práticas, avaliar suas competências e seu programa pessoal de formação contínua, alimentar o gosto pelo diálogo com os colegas de setor e de departamento.

Por meio dessas enumerações de competências, percebe-se que não é mais possível que o professor se isole ou restrinja a sua prática à sala de aula. Tampouco se concebe que ele prepare aulas sem correlações com a atualidade, com a realidade e com o interesse discente. Em outras palavras:

Uma competência é um saber mobilizar. Trata-se não de uma técnica ou de mais um saber, mas de uma capacidade de mobilizar um conjunto de re-

cursos – conhecimentos, *know-how*, esquemas de avaliação e de ação, ferramentas, atitudes – a fim de enfrentar com eficácia situações complexas e inéditas. Não basta, portanto, enriquecer a gama de recursos do professor para que as competências se vejam automaticamente aumentadas, pois seu desenvolvimento passa pela integração e pela aplicação sinérgica desses recursos nas situações, e isso deve ser aprendido. Conhecer um processador de textos, alguns *softwares* didáticos e um pouco de informática é uma condição necessária para integrar o computador a uma prática em sala de aula, mas se a formação contínua não trabalhar visando a essa integração, que é o objetivo-obstáculo maior, o recurso continuará virtual e, se não for mobilizado, vai se tornar inútil. (Perrenoud, 2000, p. 208)

Pode-se observar, a partir do que foi posto, que tampouco apenas os recursos disponíveis são suficientes para garantir a formação continuada. Com efeito, é necessário que a integração se processe por meio da aquisição do conhecimento e do seu aprimoramento constante.

É possível deduzir que o conceito de vocação está completamente apartado do conceito de competência e isso faz com que o professor tenha, necessariamente, que sair da comodidade do saber acumulado e incontestável para sair em busca dos meios que lhe permitam estar no mundo em um movimento de contínua aprendizagem. Por isso a nossa escolha das três competências: porque vemos nelas os pilares para uma prática que congregue, a um só tempo, o desenvolvimento de competências específicas e necessárias ao professor de língua, a saber: a busca constante de atualização no que se refere aos conhecimentos lingüísticos, aos métodos, às abordagens e aos materiais e meios tecnológicos disponíveis para o melhor exercício da profissão, bem como o envolvimento dos alunos nas atividades, em tempo integral, em uma espécie de co-participação acadêmica.

Assim, ao desenvolver a competência de implicar os alunos em sua aprendizagem e em seu trabalho, provocando neles o gosto pelo conhecimento, o professor estará apto a treinar-se, também, para o trabalho em equipe mediante a pesquisa e a troca com seus pares sobre metodologias inclusivas, que permitam que a sala de aula se

transforme em um laboratório produtivo sem que a postura didática se perca por falta de objetivos concretos.

Por outro lado, a utilização de novas tecnologias, como *softwares* educacionais e de edição de documentos, *Internet*, vídeos e demais multimeios, permite aulas dinâmicas bem como o contato com pessoas de todas as nacionalidades em tempo real. Tais possibilidades, sem nenhuma dúvida, se constituem um poderoso arsenal para uma educação-formação de qualidade no sentido da conferir às aulas um “sabor” especial, despertando os alunos e favorecendo o envolvimento dos mesmos nos processos de construção do saber.

Ora, é notório que as aulas interessantes e envolventes devem partir sempre de um planejamento e continuar por uma aplicação crítica dos meios disponíveis para que se verifique se os objetivos do planejamento foram alcançados, em que percentual foram alcançados, se houve falhas e, em caso positivo, se elas foram de concepção ou de execução. Paralelamente ao planejamento, é necessário que o professor esteja envolvido com um projeto acadêmico que motive suas ações e que o conduza à busca de formação e aperfeiçoamento. Então chega-se à questão expressa no terceiro item, segundo o qual o professor deve gerir sua própria formação contínua, explicitando as próprias práticas, avaliando suas competências e seu programa pessoal de formação contínua e alimentando o gosto pelo diálogo com os colegas de setor e de departamento. Cabe ao professor buscar os meios de atualização, reciclagem e aprendizagem contínua, sob o risco de se transformar em uma pessoa obsoleta, com conhecimentos e práticas obsoletos.

No caso específico do professor de línguas estrangeiras, o desenvolvimento das competências passa, não raro, pela necessidade de se fazer viagens ao país onde a língua é falada e onde a cultura é mais explícita.

Todavia, como sabemos que o ideal quase nunca se alia ao real, não sugerimos que a formação contínua do professor de línguas contemple como condição *sine qua non* uma ou mais viagens por ano ao exterior para fazer cursos, aprofundar o conhecimento do nível coloquial da língua etc. Cabem aqui o bom senso e a abertura para o uso, sobretudo, da *Internet*, que vem

servir, mesmo que sem comparações, de lugar privilegiado de fórum coletivo para a divulgação de idéias variadas mediante um uso da linguagem que varia entre o coloquial e o formal.

Conclusão

Embora sob a rubrica de conclusão, deve-se ter em mente que o tema da educação continuada não se conclui nunca, justamente pelo próprio atributo deste tipo de educação. Tampouco pretendemos esgotar assunto tão amplo e apaixonante quanto árduo.

Amplo e apaixonante porque, tomando as palavras de Aquino⁷ (2002), "a capacitação do educador nunca é adquirida por completo, uma vez que ela jamais se esgota (...) e deverá ocorrer, portanto, durante o próprio exercício do ofício, naquilo que se convencionou chamar de formação contínua ou em serviço".

Árduo porque se depara com muitas dificuldades, incluindo-se aí a falta de disponibilidade financeira para viagens, congressos, aquisição de materiais etc., que lançam a dúvida acerca da validade e da utilidade das práticas educativas na sociedade atual, movida pela instantaneidade dos acontecimentos em nível global.

E como o assunto não se esgota, ou pelo menos está bem longe de fazê-lo, esse trabalho não se conclui, deixando aberto o espaço para a reflexão crítica. Da nossa parte, estamos convencidas de que somente os esforços conscientes poderão dar conta de garantir que a formação contínua e o desenvolvimento das competências requeridas ao docente do século XXI não sejam um discurso utópico e vazio, mas uma realidade que se quer em curso desde já e para sempre.

Notas:

1. A professor chamamos o profissional que entende sua profissão como sendo restrita à transmissão do conteúdo da maneira mais competente possível. Nesta concepção, o professor educador é aquele que sabe e consegue transcender os conteúdos para enxergar na realidade em que se encontra inserido, isto é, a sala de aula e todo o contexto escolar, elementos de fundamental importância para a competência de formar cidadãos capazes de conviver com outros, respeitando os princípios éticos da vida social.

2. Ao falarmos de língua estrangeira estamos nos referindo, naturalmente, à língua italiana, que é a nossa área de atuação.

3. Sobre a formação e atualização dos professores, convém também entrar em contato com o pensamento e as obras do educador português António Nóvoa.

4. Trata-se do livro *Dez novas competências para ensinar*, publicado pela editora Artmed de Porto Alegre.

5. As dez competências são as seguintes: organizar e animar situações de aprendizagem; administrar a progressão das aprendizagens; conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação; implicar os alunos em sua aprendizagem e em seu trabalho; trabalhar em equipe; participar da gestão da escola; informar e implicar os pais; utilizar novas tecnologias; enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão; gerir sua própria formação contínua.

6. Observe-se que, muito embora a teoria de Perrenoud esteja voltada mais precisamente para a realidade da escola fundamental, consideramos que há nelas uma possibilidade mais ampla de aplicação, incluindo aí a prática docente no ensino superior.

7. Aquino, Julio Groppa. "Os mascates da formação contínua". *Revista Nova Escola*, ano XVII, n. 155, p. 14, setembro de 2002.

Referências bibliográficas

PERRENOUD, P. *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

Abstract

In time of global market, total quality and scientific development the teacher needs to think and evaluate his own practice that is not restricted to follow the traditional methodologies and curricula.

It's not possible that a professional still expects from his students a passive act, almost contemplative and not capable of pointing to questions that should have come out to light.

The present paper will try to bring our point of view about the very important term. We will try to show the importance of the continuous education. The present paper is also following the thought Philippe Perrenoud that we consider very good for stabilising the competences needed to be a teacher.

Keywords: continuous education; competences; language teaching.

Data de entrega: 10/09/02
Data de aprovação: 07/11/02